

Heloisa Buarque de Hollanda

**ESCOLHAS
UMA AUTOBIOGRAFIA
INTELLECTUAL**

Organização de Ramon Mello

Prefácio de Beatriz Resende

**Língua
Seraj**

CARPE DIEM
EDIÇÕES • PRODUÇÕES

O BATISMO NO AMBIENTE WWW

Retomando a cronologia, ainda bem no começo das atividades do PACC, Marisa Cassim me apresentou à Yonne Chastinet, uma cientista da informação conhecida por sua performance de ponta na área. Outro encontro fundamental. Imediatamente percebi em Yonne a solidez da competência aliada à paixão pelo risco e mesmo a uma certa compulsão pela inovação. Nunca mais nos separamos.

Yonne pensava em criar um programa de busca para pesquisadores, mais tarde intitulado Bibliotecas Virtuais — BVs. Isso foi ainda em 1993, bem antes da era Google. Já existiam na época ferramentas de busca como Altavista e Yahoo, mas eram ainda ferramentas precárias e inadequadas para um projeto como esse, que apresentava características próprias e um público alvo bem definido: pesquisadores.

O quadro de então, visto de hoje, era pura História. Como os militares haviam criado a rede Arpanet, única existente, os pesquisadores exigiram uma rede similar para uso

da ciência. Foi criada a Bitnet. Usávamos então inicialmente a Bitnet e meu primeiro e-mail foi holland@omega.lncc.br, ligado ao provedor do CNPq. Momentos de alta emoção, esse primeiro contato com o e-mail. Me lembrava da compra de meu primeiro computador, em 1983, no período em que eu dava aulas em Stanford, em pleno Sillicon Valley. Era um Macintosh 128, o primeiro modelo de Mac, branco, gordinho, ainda sem HD e com pouquíssima memória, o que obrigava o usuário a recarregar continuamente o disco com o sistema DOS e o disco com o software do programa Wordperfect. Ou seja, quando se conseguia engatar num texto, via-se na tela o terrível aviso: insira o disco do sistema. Logo em seguida outro susto: retire o disco do sistema e insira o Wordperfect. Era uma sequência de sobressaltos que tecnicamente se chamava *disk swapping*. Outra mensagem sinistra dos primeiros tempos do Mac era a *gif* de uma carinha triste, com a boca caída, que, em tradução, queria dizer: problema no sistema! Ou, traduzindo mais uma vez: você acaba de perder tudo. Tempos hoje pré-históricos.

Menos de uma década mais tarde, o projeto pioneiro da Yonne consistia em selecionar, na internet, os melhores *links*, sites ou referências de determinado campo do conhecimento, comentá-los e colocá-los em categorias para viabilizar a consulta. Fascinada com aquele quase-antecessor do Google Scholar, me ofereci como cobaia.

Foi uma grande experiência. Criamos juntas a Biblioteca Virtual de Estudos Culturais, a primeira do projeto Prossiga, um projeto de ponta do CNPq.

Como projeto piloto, nossa BV testou vários modelos de recuperação de informação, vários formatos e dicções para os

comentários, e, principalmente, inúmeros critérios para inclusão ou não de sites, trabalhos, pesquisadores.

Na realidade, estávamos criando estratégias de navegação e formatos discursivos específicos para aquele desconhecido universo www. A metodologia emergencial que usávamos, de tentativa e erro, de avanço e de recuo, ou seja, de liberdade de criação e de revisão, método que sempre considere o melhor para o trabalho e para a pesquisa, acabou nos exigindo uma imersão radical na arte de surfar em meio digital.

Um dos complicadores curiosos desse início do trabalho com a pesquisa e a produção de conhecimento na web, entre tantos outros, foi a falta de presença na internet dos pesquisadores-chaves ou sênior ou dos bons programas de pesquisa na área de estudos culturais. Resolvemos esse impasse de forma totalmente artesanal e primitiva: elaboramos questionários em papel e enviamos pelo correio para todos os centros de estudo e unidades de ensino para posteriormente fazermos, nós mesmas, caso a caso e à mão, a inclusão desses nomes e institutos na internet. Uma contradição em si. Mas, por outro lado, uma saída honrosa, nesse momento em que a internet ainda não era sentida como um meio de informação e comunicação indispensável para a pesquisa e mesmo para a dinâmica do mercado acadêmico.

Quando a BV de estudos culturais foi inaugurada, com um grande seminário no Laboratório Nacional de Ciência da Computação, eu já estava inoculada pelo vírus da web de forma irreversível. A BV permaneceu mais de dez anos on-



line, outras BVs foram criadas no PACC, como a de literatura e a de teatro, coordenadas por Beatriz Resende, e outra foi incubada pelo PACC, a de ciências sociais.

Foi um tempo inaugural na minha trajetória, que me introduziu a novíssimos territórios do saber e, principalmente, consolidou minha amizade e parceria com Yonne Chastinet, profissional de espantosa liberdade de criação e invenção.

A partir desse período, comecei a pesquisar e escrever sobre cultura e tecnologia, um dos temas que me acompanham até hoje. Pouco tempo mais tarde, recebi um convite dos cadernos da UNESCO para escrever sobre a cultura hospedada na web. Resolvi tratar da poesia e da produção cultural de negros/as e mulheres para conferir se esses segmentos que, historicamente, têm pouquíssimos canais de expressão disponíveis, estavam investindo no território aparentemente livre da internet. Fiz uma pesquisa precária com as ferramentas de busca disponíveis, também um pouco precárias, e identifiquei uma quantidade inimaginável de sites de poetas, cultura negra, cultura de mulheres inclusive, um uso tático de guerrilha de informação, interessantíssimo, por parte do movimento dos sem-terra.

Estava cada vez mais claro que eu ainda iria me dedicar a esse campo de pesquisa, o que ocorreu de fato quando criei o Portal Literal em 2003.

A experiência com o projeto Prossiga me proporcionou a participação em muitos seminários, debates, além de palestras e escritos sobre o misterioso horizonte da internet, que começava, ainda que timidamente, a ser delineado naqueles idos da década de 1990, do século passado.